

AUTONOMIA, CUIDADO E TERRITÓRIO: A AÇÃO COLETIVA DAS MULHERES DO MOVIMENTO ORQUÍDEAS NO PARQUE SANTANA

Airla Roberta Vieira Lacerda¹
Rosalina Semedo De Andrade Tavares²

RESUMO

O estudo analisa a Associação Movimento Orquídeas do Parque Santana, no Grande Mondubim, em Fortaleza, como experiência de ação coletiva construída por mulheres em território periférico. A investigação parte de um problema recorrente nas leituras sobre terceiro setor: quando associações comunitárias são descritas apenas como prestadoras de ajuda, apagam-se tanto a agência política das mulheres quanto as insuficiências das políticas públicas que atravessam o território. O objetivo consiste em analisar como a trajetória e as ações do Movimento Orquídeas articulam protagonismo feminino, autonomia econômica, cuidado comunitário e reivindicação de direitos no território periférico do Grande Mondubim. Adota-se abordagem qualitativa, exploratória e documental, orientada ao estudo de caso e à sistematização analítica da experiência. O corpus reúne a proposta de pesquisa sobre a associação, o mapeamento de oito trabalhos do Repositório Institucional da UNILAB e registros públicos sobre ações do Movimento Orquídeas entre 2023 e 2026. A análise organiza o material em quatro dimensões articuladas: protagonismo feminino, autonomia econômica, redes de cuidado e relação entre território e políticas públicas. Os resultados mostram que costura, artesanato, formação profissional, segurança alimentar, cultura e enfrentamento à violência contra a mulher operam de forma integrada, produzindo vínculos, circulação de informação, geração de renda e capacidade de reivindicação. O estudo também identifica que maternidade, trabalho de cuidado, ausência de creches, discriminação etária e precariedade do emprego restringem concretamente a autonomia das mulheres. Uma perspectiva feminista antirracista orienta a análise de gênero, raça, classe e território sem atribuir identidade racial às participantes quando os documentos não registram autodeclaração. Conclui-se que a relevância da associação reside menos em substituir o Estado do que em transformar necessidades privadas e dispersas em questões coletivas, redes de apoio e demandas públicas.

Palavras-chave: Mulheres; território; Participação comunitária; Economia solidária.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), Ceará, Discente, airlalacerda@gmail.com¹
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), Ceará, Docente, rosalina@unilab.edu.br²

INTRODUÇÃO

As periferias urbanas não podem ser lidas apenas pelo repertório da carência. Nelas, desigualdades materiais convivem com formas densas de organização, produção de saber, cuidado, renda, cultura e participação política. A Associação Movimento Orquídeas do Parque Santana, situada no Grande Mondubim, em Fortaleza, torna esse movimento particularmente visível porque sua trajetória se organiza a partir de mulheres que transformam problemas experimentados no cotidiano em ações coletivas. Os documentos da pesquisa registram atividades relacionadas à geração de renda, formação, cultura, educação, saúde, infraestrutura, segurança, saneamento e mobilização comunitária. Esse conjunto torna insuficiente uma leitura que limite a associação à categoria administrativa de terceiro setor ou à ideia de assistência a uma população passiva.

A pesquisa parte, portanto, de uma tensão: organizações comunitárias podem aproximar recursos, direitos e políticas da vida concreta, mas sua presença também evidencia demandas que o poder público não resolveu. O interesse analítico aqui não é romantizar a sociedade civil, nem deslocar para as mulheres periféricas a responsabilidade de administrar sozinhas as desigualdades que as atravessam. Na verdade, o que a pesquisa busca é compreender como essas mulheres criam formas de relação próprias, redes de apoio e repertórios de ação enquanto disputam condições materiais de existência. Essa posição aproxima a análise da economia solidária como prática coletiva e não apenas como empreendedorismo individual (SINGER, 2002).

Ademais, raça, gênero e classe não aparecem como camadas independentes que podem ser acrescentadas depois à descrição do território. No Brasil, o racismo e o sexismo estruturam conjuntamente posições sociais e incidem de modo particular sobre mulheres negras (GONZALEZ, 1984; CARNEIRO, 2003). A crítica de bell hooks (2019) também impede que o feminismo seja reduzido à experiência de mulheres socialmente privilegiadas. Ao mesmo tempo, os documentos disponíveis nesta etapa não registram a autodeclaração racial das participantes da associação. Por isso, a investigação não presume identidades individuais. Utiliza raça como eixo estrutural de análise e como dimensão que deverá ser perguntada e verificada na etapa empírica, preservando a diferença entre uma lente interseccional e a atribuição indevida de pertencimento racial.

Diante desse cenário, este estudo objetiva analisar como a trajetória e as ações do Movimento Orquídeas articulam protagonismo feminino, autonomia econômica, cuidado comunitário e reivindicação de direitos no território periférico do Grande Mondubim. Busca-se, simultaneamente, identificar os eixos de atuação da associação, compreender a conexão das atividades produtivas com as desigualdades estruturais, examinar a relação estabelecida com as políticas públicas e construir as categorias analíticas necessárias para orientar a etapa posterior de campo.

METODOLOGIA

Adota-se uma abordagem qualitativa, exploratória e documental, com orientação metodológica de estudo de caso. Esta etapa, que corresponde à análise exploratória e documental, antecede a fase empírica de coleta de dados prevista para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). O corpus documental reúne a proposta de pesquisa, a reconstrução preliminar da trajetória da Associação Movimento Orquídeas do Parque Santana (AMOPS) e o mapeamento de oito trabalhos acadêmicos indexados no Repositório Institucional da UNILAB. Essa revisão de literatura abrangeu produções científicas sobre o terceiro setor, organizações comunitárias, economia solidária, protagonismo de mulheres negras e quilombolas, participação social e políticas públicas. A operacionalização dos dados ocorreu por meio da análise temática, que comparou as recorrências, as diferenciações e as tensões presentes no material textual. Esse procedimento permitiu consolidar cinco categorias analíticas integradas: trajetória e ação coletiva; autonomia econômica e trabalho; cuidado e



Não Queira
No Seu, Olhe
XII SEMANA
UNIVERSITÁRIA

**Diversidade,
Inclusão e
Transformação Social**

enfrentamento à violência; território e políticas públicas; e as intersecções de gênero, raça e classe. Os resultados analíticos limitam-se ao escopo documental exploratório, de modo que não se atribuem às ações da associação efeitos causais que dependam de posterior validação por entrevistas ou observação de campo. Adicionalmente, resguarda-se o rigor ético-metodológico de não presumir a composição étnico-racial do público atendido ante a ausência de autodeclaração formal nos registros analisados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Doravante, a análise temática evidenciou que autonomia econômica e cuidado não podem ser separados. Na Regional 10 de Fortaleza, que inclui o Mondubim, moradia e geração de emprego concentraram mais de 60% das demandas apresentadas no processo participativo do Plano Plurianual 2026 a 2029. A coordenação do Movimento Orquídeas destacou a dificuldade de acesso ao emprego por jovens sem experiência, a discriminação de mulheres em razão da idade e o impacto da falta de creches e escolas de tempo integral sobre mães sem rede de apoio (CUSTÓDIO, 2025). O dado desloca a análise da narrativa individual de esforço. A disponibilidade para trabalhar depende de uma infraestrutura social de cuidado. Quando essa infraestrutura falta, o tempo das mulheres, sobretudo das mulheres pobres, torna-se recurso permanentemente capturado por obrigações domésticas e familiares.

A segurança alimentar amplia essa mesma leitura. Em 2024, a relação oficial de Unidades Sociais Produtoras de Refeições do programa Ceará Sem Fome incluiu o Movimento Orquídeas entre as unidades em funcionamento no Mondubim (CEARÁ, 2024). Em 2026, registro jornalístico informou que a ação atendia 100 famílias e descreveu a sede do Movimento também como espaço de acolhimento para mulheres que buscavam apoio em situações de sofrimento e violência (NASCIMENTO, 2026). Alimentação, escuta, orientação sobre direitos e geração de renda aparecem, assim, como dimensões conectadas. O cuidado não se reduz a uma disposição moral feminina. Ele adquire caráter político quando circula coletivamente e produz condições para que mulheres permaneçam vivas, informadas, acompanhadas e capazes de decidir.

O estudo observa também a centralidade da relação entre associação e Estado. O conjunto documental mostra uma organização que atua onde existem falhas, atrasos ou insuficiências de políticas públicas, mas que também cria interlocução com essas políticas. Essa posição deve ser descrita sem assistencialismo. Se a associação fosse apresentada apenas como espaço que ajuda pessoas vulneráveis, a análise apagaria as estruturas que produzem a vulnerabilidade e converteria a força comunitária em justificativa para a retirada do Estado. O que os documentos revelam é uma mediação mais complexa: a organização acolhe demandas imediatas, produz respostas locais e, ao mesmo tempo, transforma problemas privados em questões públicas, como emprego, creche, alimentação, segurança, infraestrutura e enfrentamento à violência.

A lente feminista negra aprofunda essa leitura porque pergunta não apenas se existem ações para mulheres, mas quais relações de poder distribuem renda, tempo, proteção, voz e reconhecimento. Gonzalez (1984), Carneiro (2003) e Hooks (2019) ajudam a evitar um feminismo abstrato, indiferente à classe e à raça. Assim, a etapa de campo terá como vetor fundamental articular como raça, gênero e classe estão imbricadas de forma concreta com trajetórias de trabalho situadas, maternidade, redes de cuidado e afetos, acesso a políticas e posições de decisão, etc. A interseccionalidade torna-se, assim, um procedimento de atenção às diferenças internas do próprio coletivo e não um rótulo antecipado sobre ele.

Em conjunto, os resultados aproximam o trabalho dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável 5, 8, 10 e 11, relativos à igualdade de gênero, trabalho decente, redução das desigualdades e comunidades sustentáveis. As ações de segurança alimentar também dialogam com o ODS 2. Essa aproximação ganha sentido porque parte de práticas verificáveis no território, e não de uma associação meramente retórica com

agendas globais. O Movimento Orquídeas permite observar como pautas de grande escala se materializam em problemas cotidianos muito concretos: quem pode trabalhar, quem cuida das crianças, quem possui renda própria, quem encontra alimento, quem acessa proteção e quem consegue transformar uma necessidade em demanda coletiva.

CONCLUSÕES

A etapa exploratória permite concluir que a relevância do Movimento Orquídeas não se explica adequadamente pela ideia genérica de que organizações do terceiro setor suprem carências. A associação aparece como uma infraestrutura comunitária construída por mulheres, na qual geração de renda, cuidado, alimentação, cultura, formação e reivindicação de direitos se reforçam mutuamente. Sua potência está em organizar relações, produzir circulação de saber e transformar experiências isoladas de precariedade em problemas compartilhados e politicamente enunciáveis.

Essa conclusão também define um limite. A associação não deve ser convertida em solução substitutiva para responsabilidades estatais, e os efeitos percebidos por suas participantes ainda precisam ser investigados diretamente. A próxima etapa do estudo deverá escutar mulheres com posições diversas dentro e ao redor da organização, incluindo raça autodeclarada, maternidade, trabalho, renda, participação e experiências de cuidado.

Diante disso, este trabalho se alinha diretamente ao tema central da XII Semana Universitária da UNILAB: "Diversidade, Inclusão e Transformação Social". A pesquisa contribui para essa reflexão ao evidenciar que a verdadeira inclusão ultrapassa a garantia de presença formal nos espaços. Ela exige a redistribuição real das condições materiais de existência, a ampliação da autonomia decisória e o reconhecimento integral de mulheres periféricas — atravessadas pelo racismo estrutural e pela vulnerabilidade socioeconômica — como legítimas produtoras de conhecimento científico, articulação política e transformação de seus próprios territórios

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me conceder força, coragem e perseverança para chegar até aqui.

À minha família, especialmente às mulheres que foram minha base nesta caminhada. À minha irmã Caroline Lacerda, que me incentivou a retornar à universidade e foi fundamental para que eu chegasse à UNILAB; à Lucíola Helena, pelo cuidado e apoio tantas vezes necessários para que eu pudesse estudar; e à Mari Lacerda, pela inspiração e pelo exemplo de atuação em defesa das periferias e da garantia de direitos.

À minha mãe, Silvânia Maria Vieira, por sua força, proteção e ensinamentos; e à Vanessa Costa, minha companheira, por compartilhar comigo os desafios, as alegrias e os sonhos dessa jornada.

À minha filha, Moara Vieira Teixeira, minha maior motivação e meu combustível para seguir em frente. Esta conquista também é dela.

À minha querida Silvani Vieira, em memória, e a todas as mulheres que me antecederam, especialmente minhas tias, minha eterna gratidão por contribuírem para formar quem sou.

Aos meus professores, à minha orientadora, professora Rosalina Smedo, e ao professor Pedro Magrini, pelos ensinamentos, orientação e apoio. Aos meus colegas de graduação, pelo companheirismo e, especialmente, pelo carinho e cuidado com a Moara ao longo dessa trajetória.

Às mulheres do Movimento Orquídeas, que, por meio de suas histórias, lutas e transformações, foram inspiração para este trabalho. A convivência com o movimento tornou-se também um espaço de aprendizado,

resistência, acolhimento e transformação.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para que este sonho se tornasse realidade.

A todos que fizeram parte dessa caminhada, o meu muito obrigada!

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: RACISMOS contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano, 2003. cap. 7, p. 49-58.

CEARÁ. Programa Ceará Sem Fome. USPRs em funcionamento, 18 abr. 2024. Disponível em: <https://www.cearasemfome.ce.gov.br/wp-content/uploads/2024/04/USPRs-Ceara-Sem-Fome-18.04.24.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2026.

CUSTÓDIO, Gabriela. Mobilidade urbana e saneamento lideram demandas da população de Fortaleza; veja na sua Regional. Diário do Nordeste, Fortaleza, 2 out. 2025. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/ceara/mobilidade-urbana-e-saneamento-lideram-demandas-da-p-opulacao-de-fortaleza-veja-na-sua-regional-1.3695718>. Acesso em: 28 ago. 2026.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje, p. 223-244, 1984.

HOOKS, bell. Teoria feminista: da margem ao centro. Tradução de Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

NASCIMENTO, Clarice. Da periferia de Fortaleza, mulheres constroem a paz como direito e resistência. Diário do Nordeste, Fortaleza, 1 jan. 2026. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/ceara/da-periferia-de-fortaleza-mulheres-constroem-a-paz-como-direito-e-resistencia-1.3722807>. Acesso em: 28 ago. 2026.

SINGER, Paul. Introdução à economia solidária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.